

CLARA DOS ANJOS: A CONTINUIDADE DO RACISMO NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO

*Alexandre Batista da Silva*⁴⁴

*Elisa Andrade Costa*⁴⁵

*Hilma Ribeiro*⁴⁶

INTRODUÇÃO

Clara dos Anjos é um daqueles romances no qual o leitor não tem escolha a não ser mergulhar na dor das personagens e dividir com elas suas angústias de vida e sofrer cada uma das situações que oprimem não só o corpo, mas também dilaceram a própria alma. Escrito entre dezembro de 1921 e janeiro do ano seguinte, o romance só foi publicado em forma de livro muito tempo depois da morte de Lima Barreto, em 1948. Nasceu primeiro como conto, publicado com o mesmo nome na coletânea de contos *Histórias e Sonhos*, em 1920, mas já estava sendo gestado desde 1904, conforme mostram historiadores da obra do autor.

Trata-se, antes de tudo, de uma obra pioneira por apresentar um enredo com uma heroína negra e com um narrador irado, de crítica aguda, que bem pode ser

⁴⁴ É doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alexandrebatistasilva1@gmail.com.

⁴⁵ É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: elisa.andradevr@yahoo.com.br.

⁴⁶ É doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: hilmaribeiro1976@gmail.com.

o próprio Lima Barreto, cujo papel fundamental na trama revela, a todo momento, avaliação moral das personagens e explicitação das sutilezas de seu comportamento nocivo. Eis aí o sucesso da obra póstuma: a história de amor unilateral de uma ingênua moça que se entrega à paixão por jovem rapaz sem nenhum escrúpulo que só quer se aproveitar dela. A trama seria comum caso não se tratasse de um relacionamento interracial num Rio de Janeiro do início do século XX, recém-saído, apenas por força de lei, de um regime escravocrata de quase quatrocentos anos e metido numa aventura política chamada República, que prometera emancipação social para todos.

Ela, uma moça mulata cheia de sonhos, e ele, um rapaz branco muito ambicioso, vivem nesse ambiente histórico hostil impregnado do ideário das diferenças de raça e classe, reproduzido em todas as dimensões da sociedade brasileira, inclusive no subúrbio, espaço visto como homogêneo, mas que reproduz, de maneira tão cruel quanto nos espaços mais elitizados, as discriminações raciais, como faz ver o autor: apesar de ambos terem muitos fatores sociais que os aproximavam – eram pobres, ela um pouco mais que ele, moradores da periferia do Rio de Janeiro, igualmente abandonados pelo poder público –. Ainda assim não há nenhum tipo de solidariedade ou consideração que os aproximem de verdade: Cassi reproduz cruelmente das relações discriminatórias das classes mais altas.

O contexto da produção da obra é o período histórico, hoje denominado como República Velha (1889 a 1930), e 33 anos após a abolição da escravidão no Brasil, ocorrido em 1888. A compreensão desse período é importante porque ambos os acontecimentos histórico-políticos definiram um discurso de igualdade social nunca visto antes no Brasil. A abolição não foi suficiente para libertar de fato os negros de sua situação social, uma vez que sua condição econômica os manteve cativos de maneira tão forte quanto as correntes que os aprisionaram no antigo regime (SILVA; RIBEIRO, 2021). A abolição respondia, na verdade, ao projeto de economia conservadora construído por uma elite branca que não via mais na força do trabalho do negro um projeto viável para sua ambição.

Nesse sentido, longe de ter uma vida mais fácil que antes, os negros foram cavando seu lugar na sociedade na luta diária contra uma ideologia que ainda os via como inferior ao branco. É nesse contexto que nasce e cresce Lima Barreto, duplamente marcado pela descendência africana e assumidamente um escritor negro que, tomado pelo poder da pena, não sucumbiu à narrativa de temática branca para conquistar um lugar na sociedade de seu tempo. Pelo contrário, Lima Barreto usou toda sua aguda capacidade de percepção da realidade para escrever

as dores daqueles que, como ele, eram negros e sofriam a tortura da negação e da invisibilidade social (SILVA; RIBEIRO, 2021).

Clara vive nesse contexto: ingênua, iludida com discurso de seu tempo, tinha formação escolar devido às condições razoáveis seu pai carteiro, profissão que lhe garantiu uma família bem estruturada com casa própria no subúrbio do Rio de Janeiro. Filha única, Clara foi criada numa redoma de cuidados e proteções que alimentaram uma certa visão de mundo que a aproximava, a despeito de sua cor, do ideário de qualquer outra moça branca de sua idade: o sonho do casamento era um de seus maiores desejos. Tais desvelos, todavia, tornavam-na incapaz de lidar com as agruras sociais que uma mulher negra enfrentaria na sociedade de sua época.

Nas páginas que se seguem a esta introdução, na seção “Lima Barreto: cor da vida impressa na tinta da literatura”, percorreu-se a biografia do escrito a fim de identificar pontos convergentes de sua história pessoal que pudessem explicar a fúria narrativa de *Clara dos Anjos*. Em seguida, a análise objetiva explicitar a argumentação do romance que coloca a continuidade da exploração sexual da mulher negra como ponto fulcral. Por fim, tecem-se as considerações finais, apontando a necessidade de aprofundamento dessa análise e defendendo a inclusão dessa obra nas salas de aula de Língua Portuguesa, nas diferentes modalidades de ensino, como necessidade urgente de discussão e atualização da temática da situação da mulher negra na sociedade brasileira.

1. LIMA BARRETO: A COR DA VIDA IMPRESSA NA TINTA DA LITERATURA

O projeto de Literatura de Lima Barreto certamente espelha uma vida marcada por experiências de frustrações e humilhações decorrentes, segundo o próprio autor, de sua condição de negro e pobre numa cidade de absolutamente estratificada e demarcada geograficamente por espaços determinados para pobres e ricos. A angústia, muitas vezes transformada em ira nas vozes de narradores e personagens de suas obras, antes de ser fruto da crítica inteligente de escritor com capacidade aguda de análise, é o resultado de uma dor profunda de quem experimentou, na própria pele, as situações narradas nos seus contos e romances.

A Teoria Literária, área de estudo e sistematização da Literatura como conhecimento, esforça-se para delimitar muito claramente, na produção ficcional, as fronteiras entre autor, narrador e personagens criados. Não é raro encontrar em manuais de estudos da Literatura a advertência de que o leitor não deve confundir o autor com as vozes presentes na sua obra, colocando a centralidade da percepção

da realidade ficcional na perspectiva de um narrador e deixando o autor no ponto estratégico de uma percepção sensível, mas invisível no texto. Um exemplo disso é uma característica de estilo de Machado de Assis que, muito frequentemente, cala o narrador e explica algo do texto em tela ao leitor, como se pode ver no excerto do conto *O apólogo*, mas presente em muitas outras produções do famoso autor.

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. **Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela.** Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética.

Na passagem em negrito do conto, vê-se a orientação em primeira pessoa. O narrador interrompe a narração dos acontecimentos ligados ao conflito entre a agulha e a linha e entra o autor com sua própria voz para orientar o leitor sobre um aspecto do enredo. Tal característica evidencia a diferença entre autor e narrador. Embora tal discussão faça sentido na análise comprometida com o delineamento de um objeto ou fenômeno científico, atualmente cabe a discussão sobre a participação mais estrita do autor e sua criação artística (por exemplo, é mesmo possível separar autor da obra que produz?). Não cabe neste capítulo essa discussão, mas assume-se a abordagem de que a produção literária de Lima Barreto é caracterizada justamente por não apresentar delimitação entre autor-narrador-personagem.

A fim de esclarecer esse posicionamento, dois autores situados em tempos diferentes podem ajudar na percepção do estilo literário de Lima Barreto. Sérgio Buarque de Holanda (1948) – historiador, sociólogo, escritor brasileiro e crítico literário – asseverou a impossibilidade de analisar a obra de Lima Barreto sem incorrer na história da vida do escritor, uma vez que é justamente essa a matéria-prima de sua literatura. O crítico literário afirma, ainda, que o valor da obra de Lima Barreto está no amálgama da triste biografia do autor com sua obra. Buarque de Holanda diz que “A obra desse escritor [Lima Barreto] é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte” (Holanda, 1948). Com essa mesma percepção, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz afirma que

A experiência pessoal do artista não se separa da sua produção literária. Nesse caso, a literatura ganha um caráter evidentemente biográfico e, de modo declarado, o escritor

não se desloca da ficção; na verdade, a invade com todas as contradições próprias desse tipo de empreendimento criativo (SCHWARCZ, 2010, p. 16).

Nesse sentido, pode-se dizer que estamos diante de um autor que ficciona a realidade por dentro dela, o que imprime em sua narrativa uma força discursiva que faz de seus personagens verdadeiros alto-falantes da denúncia pretendida. Neste capítulo, a fim de analisar o racismo no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, assume-se que o narrador é um personagem central na narrativa, pois é ele, raivoso, que descreve as personagens e sem poupar nem as vítimas do preconceito, inculcando nelas uma passividade irritante diante de seu tempo. Assume-se, de forma muito clara, portanto, que o narrador é Lima Barreto que concentra no narrador-alto-falante toda sua amadurecida crítica sobre como a sociedade de seu tempo tratava os negros e, em especial, as mulheres negras. Antes, porém, vale conhecer, ainda que brevemente, a história de Lima Barreto, para compreender o narrador de *Clara dos Anjos*.

Afonso de Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Como se vê, nasce exatamente sete anos antes da libertação jurídica dos negros. Pobre, mulato, era filho do tipógrafo João Henriques, homem mulato, filho da escrava Carlota Maria dos Anjos e um pai branco, português, mas que não assumiu paternidade, atitude muito comum época, uma vez que a mulher negra não era vista como alguém que merecia casamento. Vale notar o nome “dos Anjos”, que comporá nome da personagem do romance Clara, que, como veremos mais adiante, sofre a exploração sexual de um homem branco.

Mulato, João Henriques ambicionava uma vida melhor para a família, já constituída pela esposa e um primogênito. Havia tido lugar no Imperial Instituto Artístico, onde foi aprendiz, e depois preparou-se para o curso medicina depois de se formar em humanidades. Sonho frustrado por uma série de acontecimentos, João Henriques empregou-se na oficina de dois jornais: do Jornal do Comércio e no jornal A Reforma. Depois disso, anos mais tarde, tornou-se funcionário da Imprensa oficial. Sofrendo revés profissional provocado pela Proclamação da República, o pai de Lima Barreto passa a sofrer com dívidas e comprometimentos com o sustento da família e, mais tarde, enlouquece e morre (ver Lima Barreto, 1980, mas também em Schwarcz, 2017). Apreende-se desse breve relato que a vida de frustração do pai de Lima Barreto impactaria a vida do filho não apenas na questão financeira, mas também na perspectiva de vida, pois o menino Barreto é, nessa ocasião, obrigado a deixar a escola e contribuir com o sustento da família.

A mãe de Lima Barreto, Amália Augusta, era também mulata, filha da escrava alforriada Geraldina Leocádia. Com paternidade não reconhecida, havia

a suspeita de que era filha do padrinho, Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, homem branco, médico e proprietário de escravos, em cuja casa vivera a avó de Lima Barreto. Educada, professora e chegou a ser diretora de escola para moças. Amália Augusta era, portanto, distinta, pela formação, de sua avó, mãe e das outras mulheres negras recém-alforriadas, mas marcada pela história das milhares de famílias negras que, mesmo libertas, continuaram servindo seus antigos senhores, como foi o caso de sua mãe.

O relato pouco exaustivo da história da vida de Lima Barreto revela o que intentamos neste capítulo: apontar a ligação entre a vida do autor e o enredo do romance *Clara dos Anjos* e seu principal argumento: a exploração sexual de mulheres, especialmente a mulher negra. Se Cassi Jones, o vilão odioso do romance, não escolhe suas vítimas exclusivamente pela cor, há no romance uma denúncia silenciosa de que, ainda que de forma velada ou revestida com outros discursos, como o da classe social, a mulher negra continua sendo vítima menos escandalosa das malfetorias do homem branco, sobretudo a sexual.

Há, então, em *Clara dos Anjos* um enredo simples: uma jovem moça mulata e sonhadora que cai nas artimanhas de um homem branco sem nenhum caráter. A força da narrativa está na relação histórica dos acontecimentos narrados. A ideia do livro aparece em resumo em 1904 nas cadernetas de Lima Barreto, como relata seu primeiro biógrafo Francisco de Assis Borba. É publicado depois em forma de conto em uma coletânea feita pelo próprio autor chamada *Histórias e Sonhos*. Depois, em forma de folhetim, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, após a morte de Lima Barreto, em 1922. O romance torna-se livro apenas em 1948. Essa trajetória de produção entre a ideia inicial e o término da obra pode revelar um desenvolvimento que torna esse romance amadurecido na sua argumentação principal.

Pode-se inferir desse trato literário longo e estudado a ira do narrador durante todo o romance, pois Lima já estava bastante consciente de sua história e talvez sem esperança com o Brasil, apesar da efervescência político-social que vivera a partir das promessas advindas da abolição da escravos, em 1888, e, posteriormente, da Proclamação da República, em 1889. Todo esse reboiço aparecia nos discursos de mudança social e nas novas relações de igualdade prometidos pelas autoridades. Ambiente que, até certo ponto, piorava a situação dos negros no país, uma vez que, sobre o discurso da libertação, teriam seu sofrimento invisibilizado agora pela ideia torna de uma liberdade plena que nunca aconteceu.

Esse é o pano de fundo à denúncia feita em *Clara dos Anjos*. Se havia o discurso de que o negro assumiu sua própria vida depois de 1888, a realidade

era cada vez mais piorada pelo abandono sistemático de um país que nunca se preocupou com as parcelas mais pobres da população. O romance serve, então, como um poderoso objeto de estudos para o historiador que pretende perceber pelo olhar da arte como foi construído esse período da história do Brasil. Sobre essa possibilidade de Literatura ser fonte de percepção de um momento histórico, Assis (2008) afirma que

Entre as manifestações artísticas, aquela que mais fortemente traduz a vida social, sem dúvida, é a literatura. Por isso, não se pode pensar em Literatura divorciada das condições do meio e do tempo. Assim, torna-se mister analisar uma obra literária vislumbrando o meio social e a época a que ele pertence e representa. Uma análise desse tipo revela os costumes, as crenças, os valores de determinada sociedade e, mais, mostra a intenção de consolidá-los ou refutá-los (ASSIS, 2008, p. 43).

Está aí declarada a singular importância da obra de Lima Barreto: o registro de tempo de uma violência social tão forte como aquela imposta pelos grilhões da escravidão. É nesse contexto revelado pelo olhar de um autor engajado que o leitor – ou historiador – tem a oportunidade de conhecer a sujeição social que a mulher negra experimentava na sociedade da época: ainda fonte de exploração trabalhista e sexual, a despeito da sua nova suposta condição social de liberta. Durante toda a narrativa, o que se vê é um narrador perturbado – e impotente – pelos acontecimentos que envolvem a conquista de Clara. A esse respeito, assevera Assis (2008):

Uma literatura embasada pela solidariedade e pelo humanismo desemboca num projeto literário que se caracteriza pelo forte desejo de intervenção social, assumindo o escritor a função de denunciar e combater as mazelas sociais. Por outro lado, esse projeto também implica uma tentativa de esclarecer e orientar o leitor sobre o modo como confrontar as forças de opressão e estagnação, representadas pelos donos do poder. A literatura militante impõe uma tomada de posição entre os agentes de ação (escritor, intelectual, político etc.), definindo-se a favor ou contra determinada situação. Além disso, pressupõe a condição indisfarçável de confronto que move esses agentes nos diversos campos existentes (ASSIS, 2008, p. 48).

É exatamente isso que se encontra nas páginas do romance: um Lima Barreto engajado em reconstruir sua história como a história de tantos outros negros do Brasil e revelar a mais triste faceta de um país que, apesar do discurso de igualdade, é racista e misógino. Nesse último aspecto, tem-se aí a genialidade de um escritor que corajosamente discute de forma inédita a condição da mulher negra, quando nem a condição da mulher branca ainda era posta de maneira franca.

2. CLARA DOS ANJOS: UMA MILITÂNCIA LITERÁRIA

A obra *Clara dos Anjos*, publicada inicialmente em folhetim, não oferece certeza quanto à finalização de seu projeto. Os originais não foram encontrados, por isso, a versão que conhecemos hoje é a mesma dos jornais da época da primeira publicação, por capítulos. De qualquer forma, o romance cumpre, em boa parte, o planejamento inicial registrado desde 1904: a menina negra, inocente e pobre é seduzida e abandonada, momento em que percebe sua real condição perante a sociedade.

A narração preconiza o ambiente do subúrbio, embora passeie pelo centro e por bairros considerados melhores. As diferenças são mostradas dentro do próprio espaço, pois há uma hierarquização entre os subúrbios. Enquanto alguns são desprovidos de calçamento e repletos de casebres simples, em outros mais próximos do centro, ou habitados por figura importante, são mais bem cuidados. Não raro, em ruas próximas, há a convivência entre residências belas com outras descuidadas e pobres. Lima situa com detalhamento o ambiente em suas descrições justamente para enfatizar o descaso governamental e a hipocrisia social diante do que se poderia chamar de cidade invisível. É como se o subúrbio se constituísse local separado, isolado para acolhimento daqueles que não têm nenhuma opção, por isso, conforme o próprio narrador, “é o refúgio dos infelizes”. No entanto, apesar das confusões, a solidariedade nos momentos difíceis é sincera:

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres. O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora do seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. Todas elas se têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença accidental de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro. Um “belchior” de mesquinhas açula-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito. Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia (p. 73).

A “diferença accidental de cor” é razão para que o sentimento de superioridade aflore. Observa-se, assim, que o racismo é questão enraizada em todas as classes. Segundo Lilia Schwarcz (2017), esse é o romance “mais trabalhado e alterado pelo autor” (p. 676). Além disso, foi, de suas versões,

o texto mais voltado para as especificidades dos subúrbios e também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam

– com fronteiras criadas internamente a partir da cor. Não a cor biológica, mas a cor como construção social, como forma de diferenciar grupos de maneira hierárquica e comparativa (p. 676).

As personagens que povoam esse espaço repleto de diversidade são gente simples que trabalha, luta, sofre e sonha. Dentre elas, a central, que dá nome ao livro, é uma menina inocente em tudo, filha de um carteiro, Joaquim dos Anjos, com uma dona de casa, D. Engrácia. Cercada pelo mimo dos pais, não percebe maldade ao seu redor, por isso, deixa-se seduzir por um tal Cassi Jones, mal caráter branco e rico, contumaz conquistador de mulheres pobres, ainda puras, ou de mulheres casadas. Não há surpresa quando o rapaz engravida Clara e a abandona, assim como não é novidade que a mãe de Cassi, despreza a jovem quando esta busca reparação por casamento. Humilhada pela condição e pela cor, volta para casa sem esperanças, reconhecendo, enfim, o preconceito que a circunda e define seu destino.

Desde as primeiras páginas, é possível perceber um narrador que não esconde suas opiniões acerca dos personagens descritos. Conforme Schwarcz (2017), “na sua literatura autodenominada ‘militante’ e ‘biográfica’, Lima acabou se tornando seus próprios personagens. Em cada um deles, todos juntos, e nenhum também. Mas era criador e criatura” (p. 13). Como criador, denuncia o racismo e a desigualdade motivadores de tratamentos diferenciados na sociedade. Nesse contexto, Cassi, o malandro de um bairro mais elitizado, considera-se superior tanto pela cor branca quanto pelo aspecto social um pouco mais favorecido. Interessante que sua apresentação inicia o capítulo 2 com a mesma pergunta de Clara no final do anterior: “Quem seria esse Cassi?”. No entanto, outra pergunta seguida altera o tempo verbal: “Quem era esse Cassi?”. A dúvida curiosa de Clara, visível no futuro do pretérito, passa à afirmação certa sobre o caráter do rapaz, descrito em detalhes pelo narrador que não faz questão de disfarçar sua antipatia já de início:

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês (p. 23).

O uso do sobrenome que não pertencia de fato à família já revela a falsidade de Cassi ao se impor com uma descendência idealizada pela mãe para se vangloriar como ser superior. A repulsa vai aumentando à medida que o narrador avança na descrição:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado “modinhoso”, além

de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio (p. 23).

É perceptível o tom de subjetividade da voz narrativa que, além da onisciência, antecipa ao leitor toda a mesquinhez de Cassi e, também, possível futuro de Clara. A ira, ao falar sobre Cassi, revela-nos um Lima irritado que parece reviver a sensação dos tempos do curso de Engenharia, quando se isolava em um canto por não ser acolhido pelos colegas ricos. Nesse sentido, Cassi é a metonímia de toda uma elite arrogante e sem empatia com os menos favorecidos. O rapaz simboliza a persistência da mentalidade conservadora dos tempos de escravidão quando se objetificavam mulheres negras. Constitui-se, então, a representação da parte da população que, por sentir-se superior, julga-se no direito de oprimir e explorar. Sendo assim, é compreensível a manifestação de um narrador nervoso sempre que se refere ao malandro oportunista:

Inútil é repetir que Cassi não tinha nenhuma espécie de amizade por esses rapazes, não pela baixeza de caráter e de moral deles, no que ele sobrelevava a todos; mas pela razão muito simples de que a sua natureza moral e sentimental era sáfara e estéril. A seus pais e às suas irmãs, não o prendia nenhuma dose de afeição, por mais pequena que fosse. Mesmo com sua mãe, que o tinha retirado muitas vezes dos xadrezes policiais, em vésperas de seguir para a detenção, ele só tinha manifestações de ternura, quando estava às voltas com a polícia ou com os juizes. O seu fundo e os seus princípios explicavam de algum modo essa sua aridez moral e sentimental (p. 33).

Chega a ser exaustivo o número de vezes em que descrições depreciativas do caráter de Cassi aparecem no enredo. Todas exaltam a insignificância total do personagem. A ausência de atributos físicos que chamem atenção se estende ao intelectual, pois é completamente ignorante. Dessa forma, entendemos que ele é o retrato da elite vazia que entende o subúrbio como um vasto tapete vermelho no qual pode se exhibir aos mais simples deslumbrados pelo brilho falso sob seus olhos.

Esse vilão que encanta mulheres simples e carentes exhibe fama de músico, embora nem nisso seja bom, como ressalta o narrador. Com o violão, chama atenção para si e disfarça a ignorância. A única modinha cantada por ele na casa de Clara, quando se apresenta a convite de um amigo de Joaquim dos Anjos, deprecia a figura feminina negra:

“Mostraram-me um dia
Na roça dançando
Mestiça formosa
De olhar azougado...”

“Sorria a mulata
Por quem o feitor
Diziam que andava
Perdido de amor” (p. 48-49).

Esse tipo de letra parece ser comum na época, visto que o único desapontamento por parte de alguns é já conhecerem a modinha. Nem a capacidade de inserir novidade Cassi Jones tem. Além disso, a letra trata da beleza física de uma mestiça formosa que dança e encanta o feitor. O olhar azougado, juntamente com o sorriso, torna a cena sensual aos olhos daquele que é responsável por sua vigilância e privação de liberdade. Em contexto pós-abolição, a música retorna ao passado escravocrata. Há algum propósito na presença dessas duas estrofes, certamente. A insistência em temáticas do passado, quando a mulher negra era prisioneira e objeto de desejo, concretiza-se no presente da narrativa quando Cassi deflora Clara, engravida-a e desaparece. Enredo que retoma parte da história de vida da mãe de Clara, D. Engrácia. Esta perdera a mãe muito cedo e fora criada por uma babá. Engrácia fazia parte de uma família abastada que a adotara como filha. Na época, a família, ao se mudar para a capital, vendera todos os escravos, mas libertara os de estimação, levando aqueles que eram considerados afetivamente, o que gerou suspeitas. D. Engrácia se enquadrou nessa situação:

Engrácia foi criada com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles. Por isso, corria, de boca em boca, serem filhos dos varões da casa. O cochicho não era destituído de fundamento, naquela família, composta de irmãs e irmãos, ainda abastada, que se comprazia, tanto uns como as outras, em tratar filialmente aquela espécie de ingênuos, que viam a luz do dia, pela primeira vez, em sua casa. As senhoras, então, eram de uma meiguice de verdadeiras mães. Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos (p. 53).

Não por coincidência, a trajetória de D. Engrácia se assemelha à da mãe de Lima Barreto que também fora educada por uma família que a considerava como filha, com suspeita de que tal fato fosse realidade. A exploração sexual das mulheres negras era comum à época e naturalizada pela sociedade. Outra observação importante dessa passagem é justamente a falsa abolição que ocorreu no final do século XIX, pois a elite manteve por muito tempo, sob a máscara de generosidade, a servidão da população negra. Desse modo, o autor-narrador denuncia essas situações com a ficcionalização a partir de situações reais, marca presente em todas as obras.

A partir do dia em que o famigerado Cassi se apresenta na casa de Joaquim dos Anjos, a filha passa a sofrer, pois ama alguém que é odiado por todos. O padrinho Marramaque alerta a família sobre o rapaz que é proibido de voltar a casa. Até esse momento, já se sabe muito do cantador suburbano, mas e sobre Clara? Interessante que, por dar título ao romance, espera-se que Clara apareça com mais força na história e isso não que ocorre. A estrutura narrativa, por si, une-se também e revela o apagamento social do negro, já que o protagonismo da moça é suplantado pelo de Cassi. Fala-se mais sobre o rapaz e suas façanhas desonestas do que da moça que deveria ser o centro do enredo. Sabe-se que:

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe (p. 42).

Quanto à personalidade, descobre-se, após várias páginas, que a menina é dada a romantismos, pois “Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e esfumagara sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos decantes e cantarolas populares” (p. 42). Tais sentimentos, no entanto, não deveriam ser cultivados por uma mulher na condição de Clara. O narrador critica abertamente a educação alienada que promove a manutenção da condição subalterna do negro. Embora a personagem não tenha consciência das dificuldades enfrentadas pelas mulheres pobres e negras, em suas descrições, Lima faz questão de enfatizar a cor da pele:

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe (p. 54).

As atitudes de D. Engrácia motivam-se pelo receio de que a filha sofra as desventuras tão comuns às mulheres, principalmente as de classe baixa, contudo, isolam-na da realidade perigosa que a circunda bem como não estimula o senso crítico. Percebe-se, no decorrer da obra, que as gerações de mulheres negras repetem uma mesma sina de exclusão social. A avó de Clara, escrava, possivelmente tenha engravidado do senhor. A mãe, por sua vez, criada como se fosse da família, continuou agregada e servil à família de brancos. Por fim, a terceira geração não faz a diferença, pois a jovem se deixa seduzir com facilidade por um malandro branco e soberbo, consciente da condição de seus favorecimentos sociais. O desdobramento da narrativa objetiva protestar quanto a esse estado cíclico que

resulta da falta de educação crítica. Ouve-se o grito de revolta da voz narrativa a cada linha escrita, parecendo convidar o leitor à luta por mudanças urgentes. Ao desenhar um painel do Brasil pós-abolição, Lima revela a estagnação de um país tanto em termos de progresso material quanto moral. A permanência do pensamento elitista se faz presente em ações de favoritismo que continua aprisionando os mais pobres que sempre devem favores e sentem-se na necessidade de retribuir. Os grilhões apenas mudam de formato, como ocorreu com os pais do autor. A mãe, Amália, era agradecida à família do senhor aristocrata que a educou, enquanto o pai João Henriques, dependente por toda a vida dos favores do poderoso senador da época Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto. A linha ténue entre a vida e a arte povoa as páginas de Clara dos Anjos.

O incômodo na descrição de Clara continua quando se afirma que ela “tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher”. E em seguida, “a natureza amorfa e pastosa” da menina é destacada como falha dos pais. D. Engrácia, segundo o narrador, não tem caráter, por isso, não consegue modelar a personalidade da filha. Essa falta de caráter demonstra o comodismo da mulher em sua situação. Não tenta trilhar caminhos diferentes na busca da transformação do seu papel. Nesse viés, Clara repete os passos da mãe:

Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida (p. 90).

É justamente a representatividade sugerida pelo narrador-autor que precisa ser cultivada no espaço feminino da época, sobretudo, entre as mulheres negras. A ira contra a imobilidade e o conformismo salta em cada palavra no decorrer do enredo. Assim, o leitor conhece os traços dos personagens que protagonizam a história. Cassi, desonesto e aproveitador de mocinhas inocentes, enquanto Clara, a mocinha inocente e sonhadora, alienada em seu mundo cor-de-rosa criado por sua imaginação de menina romântica. Embora em alguns momentos o rapaz pareça não se guiar pelo preconceito nas escolhas das suas vítimas, o narrador alerta para tal engano:

As emolientes modinhas e as suas adequadas reações mentais ao áspero proceder da mãe tiraram-lhe muito da firmeza de caráter e de vontade que podia ter, tornando-a

uma alma amolecida, capaz de render-se às lábias de um qualquer perverso, mais ou menos ousado, farsante e ignorante, que tivesse a animá-lo o conceito que os bordelengos fazem das raparigas de sua cor.

Cassi era dessa laia: entretanto, Clara, na sua justificável ignorância do mecanismo da nossa vida social, julgava que seus pais eram com ele injustos e grosseiros (p. 55).

Apesar de Cassi, aparentemente, não selecionar a mulher pela cor, no caso de Clara, anima-se, também por essa fragilidade. É da mesma laia que os demais, em sua visão de superioridade. Em outra passagem, sua índole racista se revela mais claramente quando se depara com Inês, primeira vítima do modinheiro. Ela o reconhece quando passa em uma ruela simples e chama a atenção dos que estão ao redor ao ofendê-lo em alta voz por tê-la engravidado e a abandonado na juventude. Em lágrimas, conta que o filho, ainda menor, foi aprisionado pela polícia. A mulher, revoltada, tem o apoio dos que a rodeiam, também pertencentes à classe desfavorecida e acostuada a pessoas da índole de Cassi. No momento em que, assustado, ele consegue se livrar do tumulto, resmunga para si mesmo:

– Acontece cada uma! Para que havia de dar esta negra... Felizmente, foi em lugar que ninguém me conhece; se fosse em outro qualquer – que escândalo! Os jornais noticiariam e... Não passo mais por ali e ela que fosse para o diabo!... Fico com o dinheiro em casa. Nenhum pensamento lhe atravessou a cabeça, considerando que um seu filho, o primeiro, já conhecia a detenção... (p. 116).

Se havia alguma dúvida sobre a percepção racista de Cassi, ela se dissipa completamente. O rapaz, como a mãe, não se importa com o destino das mulheres que condena assim como não sente remorsos pelos rebentos desafortunados que põe no mundo. Revela em seu monólogo que a mulher negra não tem escolhas, pois seu fim se mostra como o de Inês, a pobre menina enxotada pela mãe do rapaz quando percebeu o que havia ocorrido. Na rua, sua única saída é se prostituir, dando continuidade, por meio do filho, ao contínuo ciclo de miséria e opressão.

Pela má sorte de Inês, pode-se imaginar o que ocorrerá com Clara. Dificilmente os herdeiros de tais relações sairão ilesos em uma sociedade desigual e preconceituosa. Dessa maneira, a trama traz, ao final, a humilhação sofrida pela personagem, após ir à casa de D. Salustiana, mãe de Cassi. A progenitora defende a cria e, indignada, ataca a menina, quando diz que Cassi deve corrigir o erro com o casamento: “Que é que você diz, sua negra?” Mais à frente grita que seu filho não poderia se casar com gente daquela laia, pois seria uma vergonha. Apenas depois de sofrer com o preconceito explícito, Clara se dá conta de sua situação no mundo e retorna para casa com um olhar triste e descrente. Sua última fala é marcante da condição da mulher negra: “Nós não somos nada nessa vida” (p. 133).

O plural expõe o tratamento dado às mulheres negras na época da República que prometia mudanças positivas a todas as classes. Não houve transformações para o negro; apenas novas roupagens na manutenção da escravidão disfarçada sob termos como caridade e generosidade. Esse destino, porém, pode ser mudado por meio da educação crítica às mulheres: “Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente...” (p. 132). Mais uma vez, por meio de opinião, o narrador sugere uma saída. É preciso reagir e se preparar para enfrentar os desafios apresentados por uma sociedade elitista e dividida em castas. Certamente, a despeito do triste desfecho da história, ao final, o narrador-autor convida à busca de transformação de postura a fim de que não seja repetido o mesmo caminho das gerações anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lima Barreto se constitui, segundo Lilia Schwarcz (2017), “um manifesto a favor dos subúrbios e da ética dos pobres” (p. 681). Afirmar também que, por tratar da problematização da desigualdade “de origem, raça, classe e região; uma denúncia poderosa diante das continuidades que não se encerraram com a lei que aboliu a escravidão [...]”, Lima fazia uma “literatura negra” (Idem). Tal manifestação artística, dessa forma, revela um projeto do autor que se consolida em seus livros. Sua percepção aguçada em torno da realidade vivida pós-República, aliada à revolta pelo sofrimento experimentado em decorrência de sua classe e de sua cor, transformam-se em material de denúncia em prol da busca de mudanças.

Embora *Clara dos Anjos* revele um narrador-autor desencantado pela trajetória cíclica de gerações dos personagens negros e pobres, principalmente por meio da protagonista, infere-se um convite à resistência. Enquanto houver comodismo e servilismo àqueles que detêm o poder social pelo dinheiro e pela cor, o destino está fadado a se repetir. Apenas a educação e visão crítica da própria condição tem poder de mudar os rumos e, de fato, proclamar a verdadeira abolição da escravatura.

Devido a essa riqueza da obra em questão, é essencial que se amplie sua visibilidade em sala de aula a fim da promoção de debates e atualização do tema. É preciso refletir sobre pontos ainda presentes em pleno século XXI, o que demonstra a observação atenta que projeta o autor para além do seu tempo. Certamente, os estudantes se identificarão como enredo, ao estabelecerem conexões com situações de racismo e de violência recorrentes, principalmente nas periferias.

Por fim, esse deve ser o papel da literatura: incentivar o desenvolvimento da cidadania em prol da verdadeira mudança na estrutura injusta que se instala. Mostra-se urgente que, pela leitura analítica e pela educação consciente dos problemas sociais, as Claras ainda existentes encontrem opções além da exploração e da subalternidade. Por meio da experiência vivenciada nas páginas de Lima Barreto, é possível a busca da concretização do sonho de construção/reconstrução da igualdade e do respeito almejados há séculos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Lúcia Maria de. *Lima Barreto – Língua, Identidade e Cidadania*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Notas de revisão de Beatriz Resende. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- HOLANDA, Sérgio B. de. Prefácio. In: BARRETO, Afonso Henriques de L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 35-48.
- LIMA, O. Prefácio. In: BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin; Cia. das Letras, 2011. p. 57.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976 (Coleção Ensaio, 20).
- PEREIRA, Lucia Miguel. Introdução. In: BARRETO, Afonso Henriques de L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 25-34.
- RESENDE, Beatriz. Prefácio. Em defesa de Clara dos Anjos. In: BARRETO, Afonso Henriques de L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 09-24.
- SCHWARCZ, L. M. *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 [1983].

SILVA, A. B da; RIBEIRO, Hilma. Lima Barreto como (pre)texto. *In*: ASSIS, Lúcia Maria de; NASCIMENTO, Luciana Marino do; SANTOS, Janete Silva dos. Org. *Lima Barreto na sala de aula: primeiros escritos*. São Paulo. Editora Edgard Blücher Ltda, 2021. p 107-120.

